Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

COMENTÁRIO AO TEXTO DE CONRADO RAMOS "QUAL LUGAR PARA A INDIGNAÇÃO?"[1]

Mauro Mendes Dias – mauro.m.d@uol.com.br

Resumo: Dialogando com o texto em *A voz entre o ódio e a poética da imaginação*, de Ramos, este artigo se inicia abordando a dupla função da indicação da indignação, como o terceiro termo que pode ser incluído no ódio, como simbólico, entre o imaginário e o real; inclusão essa permite que o simbólico opere. A indignação promoveria um gozo diferente do ódio, introduzido pela voz, como vociferações, que derterminam condições de assujeitamento. A voz poderia ser incluída "entre o ódio e a poética da indignação" se se considerar que ela, voz, entre no lugar das vociferações sustentadas pelos ódios. Passando pelos discursos do capitalista, do analista, e do sujeito com o Outro, o artigo introduz possíveis tratamentos, para chegar à instalação do lugar das artes como experiência que permite cultivar os fundamentos da indignação em sua relação com as modalidades de inclusão do sujeito.

Palavras-chave: arte; discursos; indignação; ódio; vociferações.

São Paulo
2023

[1] Texto escrito em São Paulo, em 9 de abril de 2017.

COMMENTARY ON THE TEXT BY CONRADO RAMOS

"WHAT PLACE FOR INDIGNATION?"

Abstract: Dialoguing with Conrado Ramos´s *The voice between hatred and the poetics of imagination*, this article begins by addressing the dual function of indicating indignation, as the third term that can be included in hatred, as symbolic, between the imaginary and the real. This inclusion allows the symbolic to operate. Indignation would promote a *juissance* distinct from hatred, introduced by the voice, as vociferations, which determine conditions of subjection. The voice could be included "between hatred and the poetics of indignation" if it is considered that the voice takes the place of vociferations sustained by hatred. Going through the discourses of the capitalist, the analyst, and of the subject with the Other, the article introduces possible treatments, to arrive at the installation of the place of the arts as an experience that allows cultivating the foundations of indignation in its relationship with the modalities of inclusion of the subject.

Keywords: art; discourse; indignation; hatred; vociferations.

COMENTÁRIO AO TEXTO DE CONRADO RAMOS
"QUAL LUGAR PARA A INDIGNAÇÃO?"

Vou partir da questão que surgiu de sua parte, em nosso diálogo sobre os ódios. Ela passa a ser incluída como o termo que convida para uma elaboração. A questão introduzida por você tem a ver com a indicação da indignação como o terceiro termo que pode ser incluído, como simbólico, na ligação que indiquei existir no ódio, entre o imaginário e o real. Sua indicação cumpre de saída uma dupla função. Sendo a primeira a de abordar o ódio pela inclusão do simbólico, e não pela tentativa de eliminá-lo ou curá-lo. Nesse sentido é um procedimento ético, o da inclusão, já que aposta no advento da diferença que estrutura o ser de desejo, uma vez que o simbólico, em nosso campo deexperiência, não é sem sujeito ao sexo.

A outra consequência que se retira da inclusão da indignação como terceiro termo, entre o real e o imaginário, ligados no ódio, tem a ver com lembrar que ele só pode ser posto para dentro, porque já estava lá. Ocorre que ele se encontra velado, colocado à parte pela dominância dos dois outros. A inclusão do simbólico, nesse caso, como indignação, tem a ver com promover as condições para que ele, simbólico, opere. Sua efetividade se mostra no que o ódio não significa o mesmo que a indignação. São afetos, ou seja, fazem do corpo gozo tanto quanto promovem posições diferenciadas no discurso do sujeito, com o Outro.

A indignação promove um gozo diferente do ódio. Ela faz comparecer um novo elemento que não se encontrava nele, ódio, enquanto efeito de ligação do imaginário com o real. Esse novo elemento, introduzido pela indignação, é a voz, enquanto que no ódio são as vociferações. Nesse sentido a indignação é simbólica, porque permite retomar um discurso, o do indignado, com um Outro, ao qual, ele, indignado, se dirige. Por extensão, a indignação faz constar, pelo discurso com o Outro, a função e o lugar do diálogo, e por consequência, o da política.

Ao articular as vociferações como tomada do sujeito por um gozo que introduz a perda de sua voz, desde essa posição, o sujeito não se conta, nem é mais contado na sua particularidade. O nome próprio não mais o distingue através de uma paternidade, com nomeação, tampouco numa cadeia geracional. As vociferações são a tomada do sujeito por um gozo que lhe permite suturar a queda da voz como objeto, tanto quanto pelos discursos que a agenciam.

As vociferações são os diferentes nomes das modalidades de agenciamento de gozos que permitem aos sujeitos se devotarem a uma causa unívoca, fazendo corpo, pelos grupos, pelas turmas, pelas torcidas, pelas seitas, pelas gangues, etc. A devoção que qualifica a

vociferação se distingue da tradição religiosa comum. Ela é movida pelo ódio ao herege, enquanto nome daquele que escolhe. Isso porque aquele que escolhe, goza de uma forma que, para aquele que vocifera, é sinônimo de maldição. É do gozo que goza o herege, que aquele que vocifera se encontra privado. Portanto, para aquele que vocifera, a não censura do gozo do herege, sua prática pública, é o momento da aparição do demônio, seguida do cortejo das tentações. Já que é, nesse mesmo momento, que ele vai ter de se haver, pelo Outro, com o retorno daquilo que foi colocado fora de operação: mulheres, feminino, castração, enfim, tudo aquilo que poderia evocar o desejo sexual. As vociferações produzem o *gozódio* dirigido ao feminino. É a expressão do ódio às mulheres, sob suas diferentes manifestações. As vociferações são a colocação em ato da maneira pela qual Lacan definiu a paranoia no Seminário RSI 1974-75 (p.57): é quando a voz sonoriza o olhar.[2]

Não é necessário ser psicótico, no sentido de tipo clínico, para consentir no assujeitamento às vociferações. Elas são moldadas, como sintoma, na ligação do supereu com o discurso do capitalista. Nesse sentido, o assujeitamento do sujeito ao supereu tem a ver com ser comandado por uma voz que, como bem definiu Freud (1923/1990, p.81), "é a fonte do caráter geral de severidade e crueldade apresentado pelo ideal– o seu ditatorial –farás"

As vociferações, seguindo Freud, são a colocação em ato de uma voz que comanda o sujeito cruelmente, à medida que não o reconhece. Trata-se de um fazer a qualquer custo, "ditatorial": "farás". Não há escolha, diálogo, voz, queda, apenas sacrifício. Tal é o gozo que Lacan advertiu existir, no texto da Proposição de 1967 (1967/2003), quando fala da entrega a deuses obscuros.

De outra parte, pelo discurso do capitalista, encontramos o sujeito operando como alimento da mais valia. Quanto menos ele é contado pelo inconsciente e pelo desejo, mais ele se devota à conquista de um gozo que não inclui a divisão. Trata-se, pelo discurso do capitalista, de reconhecer como operante, enquanto causa, uma condição, prometida ao sujeito, de poder comprar, adquirir, diferentes objetos técnicos, mercadorias, com as quais ele vai manter uma relação de fascinação. Seja identidade, seja tipo, lugar no mundo virtual, enfim, uma experiência na qual vai encontrar seu objeto de satisfação. Para tanto, basta colocar fora de operação sua condição de sujeito que decide causado pelo desejo.

A condição para que opere tal funcionamento descrito tem a ver com apreender a

---

[2] "A paranoia é um grude imaginário. É a voz que sonoriza, o olhar que se faz prevalente; é um caso de congelamento de um desejo" Aula de 8 de abril de 1975.

economia política, em sua extensão subjetiva, que é a mais valia, enquanto mais gozar. A mais valia, pela Psicanálise, não se reduz a reconhecer a desproporção existente entre o tempo de trabalho que é vendido pelo proletário e o salário que ele recebe, considerando o lucro final do produto vendido no mercado. O que resta para ser articulado, portanto, tem a ver com reconhecer que a economia política é subjetiva, porque ela implica um tipo de posição em que o sujeito, ao mesmo tempo em que sabe da existência da desproporção do valor de seu trabalho, a partir de sua própria experiência de vida, vai ser o primeiro a se devotar ao endividamento, às horas extras, aos bicos, como forma de participação nessa mesma economia, marcada por uma promessa de satisfação. Nesse sentido, como afirmou Lacan, "(...) a mais valia é a causa de gozo do qual uma economia faz seu princípio: o da produção extensiva, portanto insaciável, da falta de gozar" (1970/2003, p.434).

É preciso retomar o fio da meada. A indignação foi incluída como terceiro termo, simbólico, entre o imaginário e o real no ódio. Mostrei que ele só pôde ser incluído porque já estava lá, contudo, fora de operação. O que promove o recobrimento do simbólico, no ódio, são as vociferações. Porque são elas que dão expressão aos diferentes discursos que apagam a voz do sujeito, ou seja, sua particularidade. Daí sua montagem ficar restrita à ligação do imaginário com o real. Por isso mesmo, é necessário um discurso, o do analista, que permita demonstrar essas montagens, de forma a produzir tratamentos possíveis delas, vociferações. "O que há de novo é existir um discurso que articula essa renúncia e que faz evidenciar-se nela o que chamarei de função do *mais-de-gozar*. É essa a essência do discurso analítico" (LACAN, 1968-69/2008, p.17).

Pelo apresentado, enquanto funcionamento de uma economia subjetiva que tem seu fundamento na mais valia, a indignação se encontra na dependência do reconhecimento das vociferações, como o sintoma a partir do qual ela pode ser incluída. Ou seja, o psicanalista não tem como intervir na mais valia como funcionamento típico da economia política do capitalismo. Ele tem, sim, como intervir, promovendo o reconhecimento do desejo do sujeito que foi assujeitado a esse gozo sacrificial. Esse reconhecimento implica promover o advento da voz do sujeito. Nesse sentido trata-se de uma vetorização que avança no sentido de fazer falar o sujeito, no proletário. Para tanto, é preciso não tomar essa afirmação como ideal. Mas sim como meio de fazer constar o que foi articulado por Lacan em relação ao proletário. Ele qualifica a chamada revolução que se apresenta como capaz de libertar o proletário como retorno ao que era antes e, ainda, mais feroz. Quando Lacan retoma o sentido da greve, no início do Seminário Livro 16 (1968-69/2008), ele a faz equivocar com a greve da verdade, enquanto presente na verdade da greve (p.10). Sendo a greve, também, o momento em que o proletário

se afirma como tal. Nesse sentido, é praticamente impossível querer mudar por meio de uma revolução, tanto quanto pelos direitos trabalhistas conquistados.

Note-se que o discurso do capitalista, na economia de mercado, que é a nossa, estrutura o modo de funcionamento das sociedades democráticas, tal como as compartilhamos. O que decide por poder afirmar que a retirada de cena da economia capitalista das sociedades democráticas marcaria o fim do que nomeamos até então como democracia, tanto quanto de um gozo promovido por ele, mercado.

Consideremos que se na economia capitalista o que opera é a lei da mais valia, isso significa que através das relações que ela promove no laço social encontra-se implicado um tipo de gozo, que é o mais gozar. Do lado da Psicanálise, portanto, poderá se mostrar que o discurso do capitalista é o solo no qual se plantam as condições para o sujeito abdicar de sua divisão subjetiva, lugar da angústia. E é nesse ponto que ele se torna o sujeito que se conta por aquilo que esse discurso produz, enquanto promessa incessante de gozo. Portanto, fazer comparecer o sujeito no proletário implica fazer constar as condições para que sua voz seja escutada em sua particularidade, a partir de uma relação com a verdade. É o que se pode recolher da articulação de Lacan no Seminário Livro 16 (1968-69/2008, p.19): "o mais-de-gozar é aquilo que permite isolar a função do objeto *a* causa do desejo".

Nesse sentido, fazer cair o objeto voz ao qual o sujeito estava assujeitado e se contar agora pela queda dele permite ao sujeito se valer da queda da voz do Outro, como experiência de advir pelo dizer.

Pelo exposto, pode-se reconhecer que, ao se indignar com as condições de assujeitamento que as vociferações determinam, se inaugura um novo lugar. A voz é possível de ser incluída "entre o ódio e a poética da indignação" (RAMOS, 2020, p.163), uma vez que se considere que ela, voz, entre no lugar das vociferações sustentadas pelos ódios. Quando se passa das vociferações para a emergência da voz, o ódio não é mais o elemento que determina a ligação entre os "três registros da sexualidade humana". A indignação é um dos nomes da voz do sujeito. Por isso mesmo, ela não se limita à expressão da voz pela revolta e pelo questionamento. Seu alcance vai além. Implica um tipo de experiência na qual o que importa é fazer constar a voz no sentido de uma presença diante do que se manifesta como contrário à vida, pelo desejo.

A indignação só adquire sua extensão política porque o sujeito que a sustenta é marcado, por ela, como presença da verdade. Por isso mesmo a indignação tem poder de transmissão. Ela pode e promove ligação com outros, às vezes, multidões. Basta lembrar o desconhecido, apelidado de homem do tanque, que parou uma coluna de tanques de guerra na Praça da Paz

Celestial, na China, em 1989 (PINHO, 2009). Ou ainda, a leitura promovida pelo artista Nuno Ramos, em novembro de 2016, dos nomes dos 111 presos mortos pela Polícia Militar, logo após ser divulgada a absolvição dos envolvidos na chacina (MELLO, 2026). O curioso, em termos de fazer laço pela indignação, é o fato de essa leitura ter sido acompanhada, durante todo o dia, por mais de um milhão de seguidores, os quais apresentaram as mais diferentes posições. Independente do conteúdo dos discursos, havia vozes que se faziam escutar.

A indignação se faz escutar, enquanto as vociferações urram. Não deve ter sido à toa que na peça de Ionesco, *O rinoceronte*, os humanos passem a adotar a voz do animal, que por sua vez não é mais voz, mas sim zurros, que são os sons emitidos pelos grandes animais.

Em uma das versões de Antígona, os habitantes da cidade que passavam junto ao túmulo, onde foi enterrada viva, escutavam seus gritos lancinantes de revolta que faziam eco a sua indignação com o ato de Creonte.

Fazer constar a voz na vociferação é uma operação que se realiza em três tempos. Há o momento em que o sujeito se depara com o que lhe promove indignação; em seguida ele confirma, pelo desenrolar do acontecimento, que ele é, de fato, a ser compreendido como causa de indignação; para concluir, num terceiro tempo, a decisão de sustentar a indignação como ato diante do Outro.

Consideremos que, se a indignação é uma posição que se estrutura em três tempos, isso significa que ela não está pronta, ela se dá, acontece. É o que se pode nomear como efeito do real no simbólico, promovendo espanto.

Se é verdade aquilo que se articulou até então sobre o discurso do capitalista, vai ser preciso admitir que as condições para o advento da indignação tendem a se reduzir. O que se encontra com mais frequência, portanto, são as vociferações. Trata-se de isolar a contingência como lugar de morada da indignação ou, ao contrário, se interrogar sobre as condições para o advento dela, assim como insistir para a invenção dos meios necessários de escutá-la, tanto quanto suscitá-la. E é nesse ponto que parece se instalar o lugar das artes como experiência que permite cultivar os fundamentos da indignação. Seja pelo espanto, pela divisão, pelo estranhamento, pelo esvaziamento, cada um deles é condição para o advento da indignação.

Quando apreendemos as artes, com Lacan, diferentes momentos de sua obra as articulam. Não é um trajeto linear, tampouco as elaborações continuam as mesmas. Contudo, há um elemento que se repete, qual seja, não há arte sem sujeito. E ainda, que a arte se escreve na obra dele no plural, as artes. A literatura, a pintura, o teatro, a poesia, a escrita chinesa, em cada um desses campos de experiência, o sujeito se faz constar em diferentes posições. Isso significa que, se há uma relação de fundamento entre a indignação e as artes, estruturada pela

última, então se trata de incluir a seguinte interrogação: Como fazer operar as diferentes formas de inclusão do sujeito, pelas artes?

Tal interrogação não poderá ser abordada sem uma depuração, que a precede como necessária, sobre as diferentes modalidades de inclusão do sujeito, a partir de cada uma das artes. Dessa maneira se poderão articular os diferentes dispositivos para fazer constar a voz do sujeito, que desperta com indignação, junto à posição que mantinha como proletário, até aquele momento.

REFERÊNCIAS

FREUD, S. (1923). O Ego e o Id. In:_____. **Edição** standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 11-83

LACAN J. (1974-75). **O Seminário livro 22: real, simbólico e imaginário. Lição de 8 de abril de 1975. Inédito.** Disponível em: https://clinicand.com/wp-content/uploads/2020/06/22-Jacques-Lacan-O-semin%C3%A1rio-Livro-22-RSI.pdf

_____. Radiofonia (1970). In: _____. **Outros escritos**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003

_____. (1968-69). **Seminário, livro 16: de um Outro ao outro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. Disponível em: Jacques-Lacan-O-seminario-Livro-16-De-um-Outro-ao-outro.pdf (lotuspsicanalise.com.br)

_____. (1967). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: _____. **Outros escritos** (pp. 248-264). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

MELLO, D. Performance faz homenagem aos 111 mortos no Massacredo Carandiru. **Agência Brasil**, 01 nov 2016. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2016-11/performance-faz-homenagem-aos-111-mortos-no-massacre-do-carandiru

PINHO, D. O homem que parou o maior exército do mundo**. Consultor jurídico**, 22 out 2009. Disponível em: https://www.conjur.com.br/2009-out-22/justube-homem-parou-maior-exercito-mundo.

RAMOS, C. A voz entre o ódio e a poética da indignação. **Livro Zero. Revista de Psicanálise. Adventos do real** / Fórum do Campo Lacaniano em São Paulo / Escola de Psicanálise do Campo Lacaniano. -- Nº 10, 2020. Disponível em: https://campolacanianosp.com.br/wp-content/uploads/2021/01/Livro-Zero-10.pdf